



DIRECTOR:

Augusto de Santa-Rita

ANO XIV

Suplemento infantil do jornal

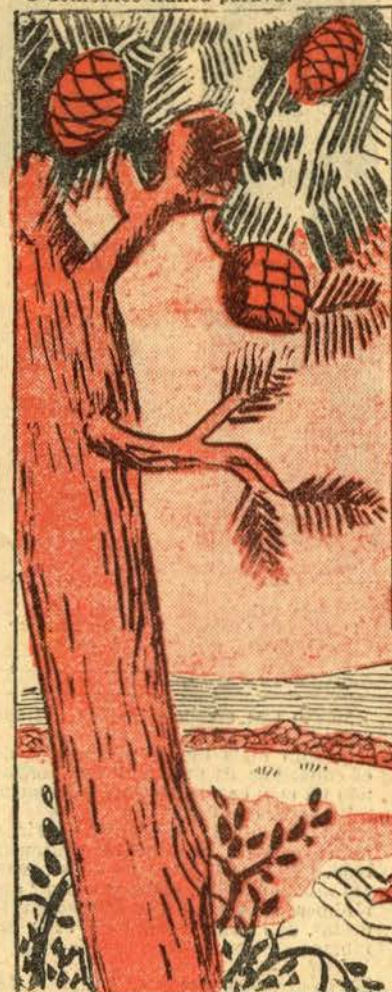
O SECULO

N.º 716

A PINHA MALUCA

por VIRGINIA LOPES de MENDONÇA

DESDE pequenina que a pinha maluca fazia o desassossego da mãe pinheira e das manas pinhas. O demonico nunca parava.



Mal um pássaro ali pousava, logo a estouvada, às voltas e reviravoltas, tentava chegar-lhe e, se o conseguia, bumba!... com tal força lhe batia, que aos pios de dor e susto, ele levantava vôo.

Era o terror dos bezouros, silfos, borboletas e toda a bicharia voadora era sempre recebida à pancadaria pela malvada.

— Oh! Oh! Oh! — gargalhava ela, ao vê-los fugir atordoados... doridos.

— «Cala a boca, mana maluca! Es a vergonha do pinhal!» — gritavam-lhe as outras pinhas indignadas.

A mãe pinheira empregava mais brandura para a aconselhar.

Dizia-lhe meigamente:

— «Minha filha, vê se tens juizo! Daqui a pouco nascem-te os meninos pinhões.

Precisas tomar conta deles. Apertá-los bem contra ti, como fazem as tuas manas. Nesse alvorôco em que vives, como hás-de criá-los?»

— Oh! Oh! Oh! — respondia, a rir, a doídivanas. — A vida é tão reinadia! Para que me vêm aborrecer?»

E, sem ligar nenhuma importância às palavras sensatas da mãe, continuava cantando, bailando...

E sempre assim foi vivendo.

Um dia, porém, os meninos pinhões nasceram.

A pinha maluca, nem por isso deixou de ser a mesma estroina e os pobres



pinhõesinhos passavam vida desgraçada, criados aos baldões.

Os das outras pinhas eram saos, gordinhos... eles definhados, enfraquecidos pela balbúrdia em que andavam, sempre às cabeçadas aos ramos e aos blichos.

O tojo, o rosmaninho, as palhinhas, a urze, murmuravam, escandalizados:

— «Nunca se viu pinha assim! Mas que pinha tão ruim! Tão maluca!... Tão maluca!... Ainda pior do que a cuca, que é um pássaro bisnau, que tem o instinto mau de pôr seus ovos no ninho, de outro qualquer passarinho».





INTER * CAMBIO EPISTOLAR



Idalina Antunes Lopes
14 anos



Maria Virginia do C. Gonçalves
18 anos



Maria Lucinda Serejo
10 anos



Maria Julla Peres Marinho
11 anos



Maria Madalena Pestana
11 anos



Maria Helena Serejo
12 anos



Carolina Maria Verdasca
15 anos



Maria Joaquim de Carvalho Pereira
13 anos



Maria de Guadalupe Palma de Oliveira
11 anos



Maria Carolina Marques Romão
11 anos



Idalina da Silva Campos
11 anos



Celeste Matos Correia



Albertina Maria de Sousa
19 anos



Alice Maria Flalho de Negreiros
18 anos

OBSERVAÇÕES

Publicamos hoje nova série de retratos de inscritas na nossa secção de inter-câmbio epistolar, correspondendo a cada uma das nossas leitoras, que figuram nos alinhados superiores, respectivamente, a amiguinha que lhe fica na mesma verticalidade, em baixo.

As quatro restantes, correspondem as amiguinhas que lhes ficam a par.



Maria Helena Moreira da Costa
18 anos



Maria Luisa Teixeira Baltazar
16 anos

Bem se ralava a pinha maluca com a opinião dos habitantes do pinhal! Não prestava atenção a conselhos nem a censuras.

O que ela queria era rir, a propósito de tudo e de nada.

Ria, ria, em gargalhadas tão estridentes, que o éco as repetia e pelo pinhal fóra, só se ouvia: — Oh! Oh! Oh! Oh! Até que uma ocasião, o riso foi tanto, que, a força de rir, escancarou de tal maneira as bocas, onde guardava os pinhõesinhos, que estes, catrapus!... foram parar ao chão.

Um garoto passava,

Logo, muito contente, quis aproveitar aquela pechincha.

Com uma pedra tratou de os partir e meteu-os na boca.

Mas, imediatamente, os cuspiu, dizendo enloado: — «Não prestam! Sa-hem mal!... Estão verdes!...»

Espezinho-os e seguiu o seu caminho.

Lá no cimo, a pinha maluca parou, então, seus risos.

Pela primeira vez na sua vida, chorou lágrimas amargas, ao ver o triste fim que, por sua causa, haviam tido os pinhõesinhos.

Mas o seu arrependimento já nada remediava.

Quanto mais lhe valera ter seguido os conselhos da mãe pinheira, porque não há como as mães para bem encaminharem os filhos.

Dai por diante, em lugar de rir, a pinha maluca só chorava, desconsolada, triste e feia, com as suas bocas muito abertas, onde, em lugar dos pinhões, se viam umas nódoas muito pretas, tão pretas como os seus remorsos.

Uma aventura na selva

DESENHOS DE VIANA • MANUEL FERREIRA

Quando, receosos, os negros, com o régulo, espreitaram pela ramaria das árvores, viram o leão cortar, com os dentes, as cordas que prendiam o branco e este, já livre, acariciar a fera.

Então, o chefe negro pediu a Pedro que segurasse o leão e, dirigindo-se ao branco, prestou-lhe vassalagem e devolveu-lhe a carabina, dizendo:



— «O branco tem feitico e brinca com os leões. O branco é forte! Nunca mais nos revoltaremos.»

De facto, no dia seguinte, o régulo e os seus pretos mais notáveis, vieram homenagear a bandeira portuguesa.

Pedro, com o leão que o salvara, voltou ao posto e, naquelas terras da Zambézia, não mais se pensou em revoltas.

QUANTAS vezes não tinham dissuadido o Pedro de aventurar-se para além dos limites do posto que dirigia na Zambézia. Os indígenas andavam revoltados e aproveitaram-se-lhe do seu descuido para atacarem o posto.

Pedro, contudo, não ouvia os conselhos dos fiéis negros, seus auxiliares. Era-lhe possível? Nada lhe constava a tal respeito e, seis meses antes, internando-se no mato, a umas dez léguas do posto, fôra saudado por indígenas, em algazarra.

Porém, não sabia Pedro que a revolta lavrava, surdamente havia já dois meses. Os indígenas queriam tornar-se independentes e, para isso, iam-se armando, para, na ocasião oportuna, levarem ferro e fogo ao posto que Pedro dirigia.

Seis meses antes, Pedro encontrara no mato um leãozinho. Levava-o para casa e, saudoso do rio que banhava a sua terra natal pôs-lhe o nome de «Mondego». Como se fôra um cão, a ferazi-

nha, pacientemente amansada, seguia sempre Pedro.

Um dia, este, querendo ir para longe, à caça, deixou o «Mondego» no posto. Entrou, ousadamente, em território alastado. Então, muitos negros rodearam Pedro, arrancaram-lhe a carabina e amarraram-o a uma árvore. O régulo, um pretalhão alentado, falou:

— «Branco, estás em nosso poder! Um dos meus homens vai ao posto e, ou de lá vem ordem para me entregarem a terra ou tu irás tomar banho no lago dos crocodilos: Escreve aí uma ordem para me entregarem a terra!»

Dignamente Pedro retorquiu:

— «Não posso. A terra não é minha, mas sim de Portugal. Prefiro morrer. Contudo, ficarás sabendo que seré vingado. Eu mesmo tenho feitico e, por minha morte, grandes desgraças irão cair sobre a tua gente.»

O régulo estremeceu e, olhando para o caminho que ia dar à lagôa dos jacarés, deu um berro e fugiu, seguido pelos pretos que gritavam:

— «Um leão! Um leão!»

De facto, um majestoso leão irrompia, através do matagal. Pedro resignou-se a morrer. Amarrado e sem qualquer defesa, fechou os olhos. Porém, ao aproximar-se a fera, teve um sorriso de triunfo. Era o seu leão, o «Mondego», que lhe seguia a pista.



PARA OS MENINOS PEQUENINOS RECITAREM

OS DITOS DO BEBÉ

Que engraçado!
Que ladino
é o Bèbé!

Responde, às vezes, tão pronto
que deixa tudo pasmado.

Há dias, tendo estreado
calças compridas,

Por FELIZ VENTURA

e tendo saído à rua,
acompanhado da ama
e da criada Maria,
parou em frente da montra
da vizinha mercearia.

O caixeiro, atencioso,
solicito, diz bondoso:

— «O que quere o meu menino?»

Então, Bèbé, prontamente,
responde, com dissabor:

— «Não me trate por menino...
Não vê que sou um senhor?»



Carta de Lisboa

(da amiguinha de nove anos, que regressou da praia)

Por GRACIETTE BRANCO

FOI-SE o calor do verão, prêso na asa da andorinha que foge, em debandada... Já, de novo, voltei à minha casa desta Lisboa linda e sossegada!

Vão surgir as manhãs calmas e frias, começam trabalhos e lavoures. Abrem as fôlhas, brancas e macias, os livros, como pétalas de flôres.



Já o meu corpo estava um pouco farte de tanto Sol, de tanto iôdo e luz! sentia já saúdaes do meu quarto e da bonita Imágem de Jesus,

que a Mãezinha me pôs à cabeceira, com todo aquele amor que me extasia e aquela tão dulcíssima maneira que faz raiar, em plena noite, o dia!

A vida aqui é útil e é boa, todos têm uma vida muito sua! Sentia já saúdaes de Lisboa, do meu bairro gentil, da minha rua!

Tomara ver acêso o meu fogão que espalha mais calôr e mais belezas, e a minha avó, na calma do serão, a contar-me uma história de princesas.

A sala pequenina e aconchegada, já tudo eu adivinho, tudo vejo... O gatinho a dormir numa almofada, sempre a sonhar com ratos e com queijo!...

O serão calmo sempre me agradou; (... não existe ambiente para açóite...) — A mãe a trabalhar no seu «tricot» e o pai a ler o seu jornal da noite...

Mas tudo acaba quanto nos consola e às dez vou-me deitar, como vocês; tenho que erguer-me cêdo, porque a Escola começa a funcionar às nove e dez.

Sonho sempre com tudo quanto fiz há poucas horas, mesmo há poucos dias, e nos meus sonhos surge o Tamariz, horas de Sol, de luz, de marezias...

Venho muito queimada pelo mar, brinqueei, lá no Estoril, tardes inteiras... Mas agora, Maria... é só estudar,

.....
 porque os tempos não vão p'ra brincadeiras!...

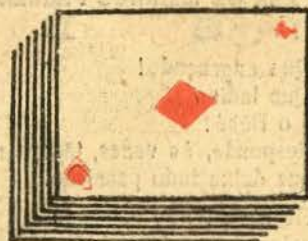
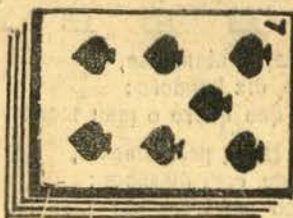
UMA SORTE DE PRESTIDIGITAÇÃO

Arranjam-se 4 setes dum baralho e sete cartas tôdas diferentes.

Voltam-se os dois maços para baixo e diz-se ao respeitável público: — «Adivinhareis qual dos maços será voltado. E até o podereis escrever.»

Nesta altura vem uma pessoa que volta um dos maços e, com espanto, tira o maço de sete ou seja o que o prestidigitador escreveu.

Percebem?



A Gata Borralheira

ERA uma vez um mercador que, a poder de trabalho e economia, conseguira fazer uma fortuna. Tinha, porém, um grande desgosto que era o de não ter filhos. Certo dia, a bondosa mulher com quem havia casado, triste por não ver seu marido completamente feliz, exclamou, quando se encontrava sozinha, vendo o lume a crepitar na lareira:

— «Dê-se-me o céu uma filha mesmo que, para obter tal mercê, eu não pudesse sobreviver-lhe muito tempo!» Mal acabou de proferir esta frase, uma luz muito intensa iluminou todo o aposento e uma fada apareceu, ostentando na mão direita uma varinha mágica, a qual lhe disse assim:

— «O teu voto será satisfeito. Terás uma filha encantadora, da qual quero ser a madrinha!» E, dito isto, a fada desapareceu.

Assim que o mercador chegou a casa, logo a esposa, com grande contentamento e alvoroço, lhe deu a novidade. Tudo se aprestou para o enxoval e baptizado que deveriam ser memoráveis e esplendorosos, até que, finalmente, chegou a hora, tão ansiosamente aguardada, da recém-nascida ocupar o seu lugar num berço doiro, entre uma nuvem de tule, sédas e arminho. Então, a fada novamente apareceu e disse à mulher do mercador: — «Eis consumada a minha profecia! Mas, conforme o voto que formulaste, tu morrerás antes que ela atinja a sua maioridade. Tera, então, a minha afilhada de passar muitas contrariedades e desventuras; contudo, eu olharei por ela e, se souber sofrê-las com resignação, prometo solenemente que mais



tarde ela vira a alcançar muita felicidade! Entretanto, dar-lhe-hás da minha parte este talismã. E dize-lhe quando ela tiver entendimento, que o leve aos lábios, sempre que se vir aflita e logo lhe aparecerel, a fim-de lhe valer!» Novamente a fada,

que semelhava um lindo ralo de sol entre uma nuvem diafauna, desapareceu misteriosamente.

Lila, foi este o nome dado à filha do mercador, começou a desabrochar, como as rosas mais lindas do jardim de seus



pais, plena de graça e de formosura. Mas quando já principiava a aprender as primeiras letras, passou pelo desgosto de perder a sua querida mãezinha que tanto a estremecia. Entregue aos cuidados duma

senhora viúva que tinha duas filhas, mais ou menos da sua idade, Lila, cujo bom coração facilmente se afeiçoava aqueles com quem vivia, começou a dedicar-se a estas e a acatar todas as sugestões que a

perceptora lhe fazia e a adivinhar-lhe todos os desejos.

Esta, porém, que era excessivamente ambiciosa e dotada de grande astúcia, aproveitando-se da ingenuidade da bon-



da discipula, começou a afagar o sonho duma vida faustosa, dum próspero futuro, que consistia no seu casamento com o rico mercador, pai de Lila. Tais carícias dispensava à encantadora menina que esta, espontaneamente, se ofereceu para servir de medianeira junto de seu pai e

convencê-lo a desposar a Mãe das suas amiguinhas, que ela supunha ser desinteressada e boa.

Tantas vezes insistiu com seu pai para que êle se decidisse a casar com a professora, que este, finalmente, exclamou, sorrindo e afagando a filha: — «Está bem,

sossega... Prometo casar com ela, quando este casaco se romper.»

Lila, sem pensar que a resposta do pai era um habilidoso subterfúgio, pois o casaco que usava era de pele de búfalo e, portanto, duma resistência que prometia durar um século, foi, radiante, comunicar à perceptora a promessa do pai. Entretanto, a astuciosa mestra de Lila, em face da evasiva do mercador, aconselhou a futura enteada a colocar, todas as noites até à hora matutina em que o pai envergasse o casaco, umas pedrinhas de sal nas algibeiras, que o fariam romper em pouco tempo. Lila assim fez.

Decorrido mês e meio, estando Lila a saudar, certa manhã, seu pai, que se dispunha a sair de casa, exclamou com alvoroço jubiloso: — «Paizinho, tens o casaco rото; tens, portanto, de cumprir a promessa que fizeste.»

Incapaz de faltar a sua palavra, o rico mercador, satisfeito por ver contente a sua adorada Lila, logo marcou o dia do casamento com a Mãe das amiguinhas de sua filha.

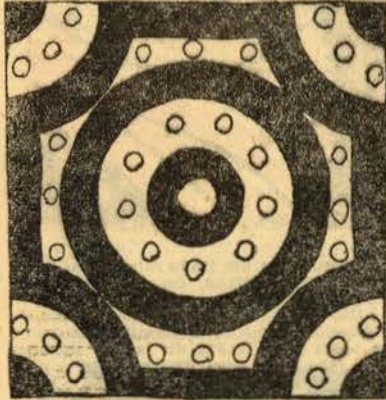
(Continua no próximo número)

SECÇÃO DE BORDADOS, PINTURA

Uma caixinha de madeira, ou fôlha já velha, a que as minhas amiguinhas não ligam importância alguma, poderá ser transformada numa caixinha elegante, para guardar cartas, luvas, lincas, etc.

Vamos, pois, fazer uma pintura acharoadada. Esta pintura imita os charões japoneses:

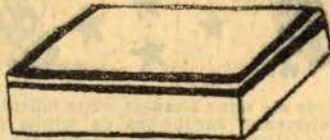
Primeiramente lixa-se a caixa muito bem, para tirar as imperfeições da madeira. Em seguida, dá-se-lhe uma



E ARTE APLICADA

Por ARLETE LOPES NAVARRO

demão de gema laca, misturada com um pouco de pó japonês para tapar os buracos, ou se fendas que possa ter. Estando seca, lixa-se novamente, até



ficar a superfície lisa e fina. Dá-se-lhe, então, levemente, uma camada de tinta-esmalte preta, (ou outra qualquer cor) e, em estando seca, dá-se-lhe se-

gunda camada. Deixa-se secar completamente, e só no dia seguinte se deve passar o desenho a papel químico. O desenho n.º 3 é para os quatro cantos da caixa e o n.º 2 para o centro. Dissolve-se um pouco de purpurina impalpável com verniz Martin. Só quando a pintura estiver seca, se pintam as bolinhas que devem ser prateadas ou douradas, sendo a restante pintura (o desenho) feita em vermelho ou azul. Em estando seco, cola-se no centro das circunferências e nos cantos do desenho madre-pérola. Recorta-se conforme o desenho, pondo a fôlha de madre-pérola debaixo d'água e cortando com uma tesoura.

Os bocados colam-se sobre o desenho com verniz branco ou cola forte.

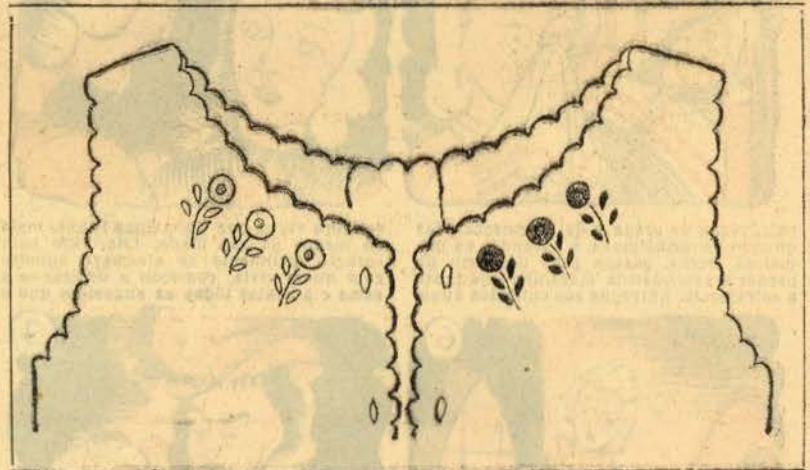
Feita a pintura, enverniza-se a caixa toda com verniz Martin.



UMA CAMISINHA DE BÉBÊ

Minhas amiguinhas, aqui tendes uma camizinha de bebê. Se na vossa casa não existe um irmão pequenino, a quem ela sirva, podereis oferecer, pelo Natal, ou pela Páscoa, algumas delas, assim bordadas, aos recém-nascidos dum hospital.

É feita em opal suíço, branco. As flores, em ponto de recorte, são bordadas a azul ou rosa pálido. No centro da flor, fazem-se três nózinhos, em linha amarela, D. M. C. As folhinhas são a cheio. Na frente da camizinha fazem-se quatro ilhoses e nelas se dão dois laços com fita de seda da cor das florinhas.



UM PROBLEMA

O senhor Epaminondas tinha uma mesa com a qual embirrava solenemente por causa do seu feitio rectangular (60cm x 40cm).

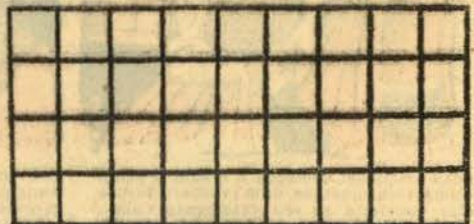
Queria-a quadrada. E, certo dia, pega nela e leva-a a um carpinteiro para a tornar no feitio desejado.

Ora, aqui está um problema difícil para o carpinteiro. Não queria desperdiçar madeira e queria cortar o menos

possível. Matutou e conseguiu-o. Não ficou nem uma lasca...

Dividiu a tábua em dois bocados, por meio de três cortes. Esses dois bocados ajustavam e formavam uma superfície perfeitamente quadrada.

Serão os leitores capazes de fazer o mesmo?



Publicaremos a solução no próximo número.

ENGENHOCAS & CURIOSIDADES

A DIVINHA

PASSATEMPO

UMA ESTANTE PARA LIVROS



Guarnece-se uma caixa que se ajeite ao fim a que se destina, com papel de forrar casas, que seja bonito, não sem a ter primeiramente allzado com lixa grossa. Em seguida pregam-se 4 cubos que farão de pés.
E pronto!



Meus meninos:

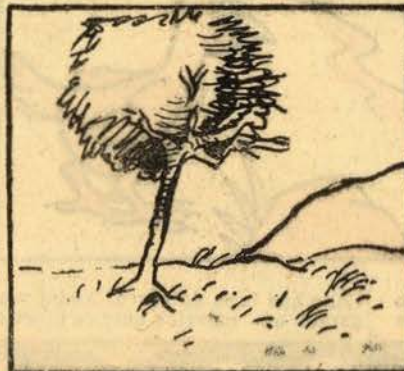
Vejam se descobrem a figura de Guilherme Tell no desenho acima.

Recortam-se, em cartão, dois círculos, e faz-se o que a gravura representa. Desenhem no círculo maior vários objectos e no menor os nomes dos mesmos. Prende-se um ao outro com um atache, ficando pronto o aparelho.

Este brinquedo deve ser construído

e oferecido pelos irmãos mais velhos dos que ainda estejam nas primeiras letras. Estes deverão, (e isto os instruirá) colocar as letras debaixo dos respectivos desenhos.

A VELOCIDADE DO VENTO E OS SEUS EFEITOS



V: 8 metros:

As árvores balouçam.



V: 15 metros:

As árvores desfolham-se.



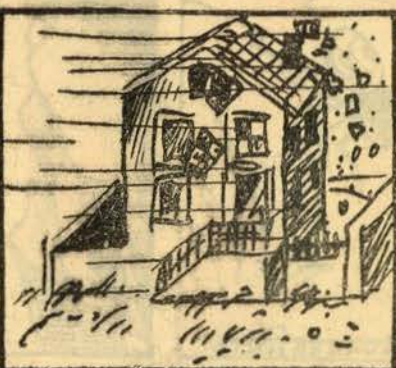
V: 21 metros:

Os galhos partem-se.



V: 28 metros:

As árvores são arrancadas pela raiz.



V: 34 metros:

Arranca as telhas e danifica as casas.

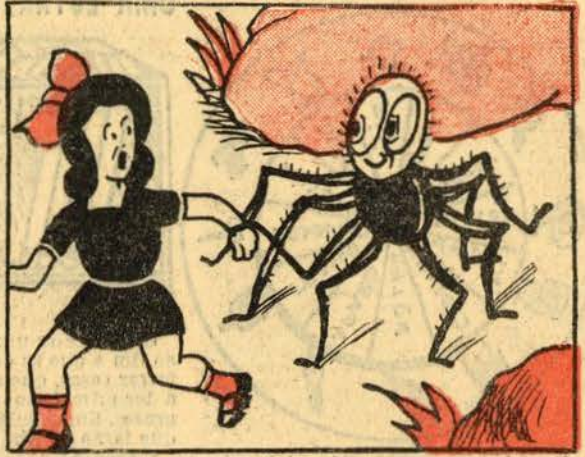
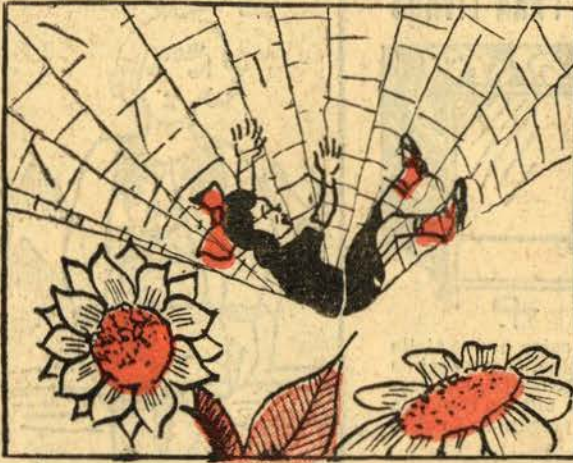


V: 40 metros:

Ciclone. É tudo destruído.

AVENTURAS FANTÁSTICAS da MILÚ

(Continuação do número anterior)



Como talvez os leitores julgassem, Milú não morreu estatelada no solo. Caiu sobre uma enorme teia de aranha que lhe amorteceu o choque. Quando se preparava para fugir, apareceu o aranhão, dono da teia, que a



prendeu com as patas. Mas não lhe fez mal. Pelo contrário, pareceu simpaticizar com ela. Como passava perto um riacho, meteu-se com a Milú numa fôlha que fazia de barco. Assim vogaram uns minutos ante os olhos es-



pantados duma galinha, até que desembarcaram perto duma gruta. A' porta, Dona Minhoca, agente de casamentos mas grande intrujona,

pois é cega e finge lêr, espera clientes para casar. Será verdade? O aranhão querará casar com a Milú? Que desgraça!...

Que tremendos castigos para os seus defeitos!

(Continua)